

Depois da última noite de festa, pneus de carro

Produções textuais do curso de Cinema da UFSC

Marcio Markendorf (organizador)

Bruna Ramos Pavesi (revisora)

Número 8



Desastre de carro em laranja, Andy Warhol, 1963.

Sumário

Uma <i>fan fiction</i> às avessas.....	4
Marcio Markendorf	
Natasha	5
Carlos Lenine Pereira	
Sem título	6
Felipe Silva Reche	
Natasha.....	7
Gabriel Tavares Viana Stella	
Ana Paula.....	8
Arthur Medeiros Thiesen	
Pneus de carro cantam.....	9
Anna Casarin	
Um Passo Sem Pensar	10
Bruna Ramos Pavesi	
Sem título	12
Maria Paloma Gomide Merello	
A Espera.....	13
Helen Mattos	
Natasha.....	14
Guilherme Pozzibon	
Ana Paula.....	15
Luisa Naves	
Natasha.....	17
Gabriel M. Ornellas	
Natasha.....	18
Lenon Oliveira Gonçalves	
Natasha.....	19
Julio Aied Passos	
Mudanças	21
Gustavo Bô	
Natasha.....	22
Cinthia Fernandes	
Sem título	24
Lucas S. Thys	

Uma *fan fiction* às avessas

Marcio Markendorf

Escrever a partir de um universo criativo pré-existente – de quadrinhos a programas de TV. Esta é a natureza dos trabalhos conhecidos como *fan fiction*, responsáveis por criar novas histórias com base em personagens e mundos inventados por outros artistas. Inspirado pela leitura de contos presentes no livro *Se não houvesse amanhã – 20 contos inspirados em músicas do Legião Urbana*, organizado por Carlos Henrique Schroeder, os alunos de Expressão Escrita II, turma 2011-2, tiveram a missão de criar histórias a partir de duas personagens pertencentes a canções pop: Camila, da música *Camila, Camila*, da banda Nenhum de Nós; e Natasha, personagem-título de uma composição do Capital Inicial. O resultado é este livreto, um tipo de *fan fiction* às avessas, escrito não por quem é um fã dos grupos musicais, mas por quem empreendeu um trabalho criativo muito semelhante ao daqueles que são (e poderiam escrever).

Natasha

Carlos Lenine Pereira

Pneus de carros cantam...

Pedaços de lata amassam-se conta postes ou muros ou pessoas, alguns voam pelo ar ou por sobre cercas. Gritaria. Gente correndo pelas ruas ou escondendo-se embaixo de mesas ou suicidando-se. Encostas se desfazendo, ilhas afundando, monumentos indo ao chão.

De dentro de mais um belo design recém tornado ferragens retorcidas, sai Pedro. Ensanguentado. Zonzo. Arrasta-se pelo chão e olha para o céu. Laranja. Trovões. Ventania. Som de terra se abrindo. Levanta-se com esforço. Começa a correr em direção contrária ao mar de prédios que se fechava gradualmente como se sob o peso do cajado de Moisés. Mas mancava. Sentia dor excruciante por todo o corpo. Mais gritaria. Mais correria por toda a parte. O asfalto tremia e rachava.

Pedro não conseguiu manter-se de pé; desequilibrou-se e caiu de joelhos. Não podia crer. 2012 chegara e todos sabiam o que traria consigo. Mas ninguém fez caso. Nem Pedro. Era o fim. Não havia escape.

A dor da morte de uma vida pouco e mal vivida pesou sobre os ombros. Pedro começou a chorar. Atrás de si, os prédios vinham ao chão. Por entre o marejar dos olhos, lobrigou um vulto colorido saltitante em meio à confusão no meio da rua. Ficou o olhar vago naquilo, contemplando a derradeira imagem de sua tão curta existência.

O desespero, de tão intenso, foi se embotando. O choro amenizou. Os olhos começaram a secar. O vulto à frente foi ficando mais claro. Era uma mulher. Tinha os cabelos verdes, uma tatuagem enorme no pescoço, usava uma saia laranja muito curta de borracha e saltos muito altos. Aos pés dela, garrafas e cigarros. Ela girava e jogava os braços para todos os lados: dançava. Dançava sorrindo. O rosto de Pedro contorceu-se ainda mais com a estranheza da cena. Olhou mais atentamente. Espremeu os olhos. E, logo depois, arregalou-os.

Era Ana Paula.

Não podia crer. Esfregou os olhos. Era ela sim. Mudara completamente, mas o rosto... inconfundível; estava diferente, mas ainda inconfundível. O corpo era todo outro, era corpo de mulher, corpo feito pro pecado. Não tinha mais aquele corpinho de menininha de dezessete anos. Não era a mesma, não era mais aquela que lhe despertara a paixão pela primeira vez – apenas para ser também a primeira a lhe partir o coração ao simplesmente deixá-lo, sem despedidas, sem explicações aparentes. Veio-lhe à mente os semblantes desconsolados dos pais de Ana, com que o olharam naquela memorável manhã, como se o culpassem pela fuga inesperada da filha. Mas ele não tivera culpa. Não tivera! Ou tivera?

Pedro sentiu raiva. Quis poder se levantar, pegar Ana Paula pelo braço e desejar-lhe todas as palavras não ditas, engasgadas havia já alguns poucos anos. Ou gritar dali mesmo “Ana! Por quê?!”. Sairia limpidamente raivoso ou embargado? De qualquer maneira, não pôde saber. Não fez nada. Novas lágrimas não deixaram. Baixou a cabeça, resignando-se com tudo.

Mesmo com todo o estrondo que ribombava à sua volta, Pedro conseguiu ouvir a conhecida voz fina, doce. Ela cantava. Ele olhou mais uma vez para sua frente.

Os lábios de Ana Paula, intumescidos de batom vermelho muito forte, faziam um biquinho alegre: “Tchuru, tchuru, tchuru, tchuruú...”. Pedro pasmou de vez: o mundo vai acabar, e ela só quer dançar. Pneus de carros cantam...

Sem título

Felipe Silva Reche

O banheiro daquele boteco era nojento. Aquela pia, que aparentemente parecia nunca ter sido lavada, recebia então dois comprimidos. Natasha se olhava pelo reflexo pouco nítido do espelho, que se encontrava nas mesmas condições precárias da pia, e pensava na vida que levava até então enquanto olhava para seu corte de cabelo, aparentemente sem medida, feito por qualquer inexperiente, e sua maquiagem borrada nos olhos, que chegava até a boca, percorrendo todo o caminho de uma lágrima no rosto. Natasha logo tomou seus dois comprimidos diários de loucura e voltou para a mesa, onde se encontravam seus colegas de duas noites e seu “namorado” do momento. Decidiram curtir os efeitos do LSD em um lugar mais calmo e foram para a casa de um dos meninos da turma, onde uma pequena orgia acabaria por acontecer e seria o cenário das alucinações daquela noite. Seu corpo, feito pro pecado, era objeto de cobiça pelos homens, que tinham o simples prazer de contemplá-la, mesmo que visualmente, e não era difícil de imaginar que todos e todas desejavam usufruir de seu corpo. E foi assim essa noite. Apenas mais uma noite. A vida intensa vivida por Natasha, desde antes mesmo de seus 17 anos, lhe teria reservado uma grande surpresa aos 19. Natasha estava com AIDS e tinha decidido que daria um rumo para sua vida, mesmo que tal rumo fosse simplesmente criar certo tipo de responsabilidade e, com isso, não propagasse o vírus que a habitava. Aquela menina, paradoxalmente consciente e emocional, tinha acabado de roubar um carro e estava a caminho de volta para a casa de seus pais.

Natasha

Gabriel Tavares Viana Stella

Pouco se lembrava daquela casa que havia deixado para trás. Levava como troféu a foto de casamento dos pais, uma que ficava no hall de entrada. Sua última lembrança daquelas pessoas. Gostava de mostrar para os conhecidos, aqueles que via uma vez na vida nos bares e baladas. Dizia assim: “O crédito é deles, mas agora sou do mundo”. Intensa, dessa vez falava a verdade. Natasha, como era conhecida a menina-mulher de salto alto e saia de borracha, já fora Ana Paula. Já pedira colo ao pai e histórias de ninar à mãe. Já tirara notas altas na escola, já dissera a um menino “eu te amo”, e amou, de fato. Agora, não mais Ana Paula, não tem endereço físico nem amores sinceros. Uma vida embriagada de mentiras, furtos e sexo é tudo que resta.

A garota fugia constantemente de algo que não existia. Nunca passou mais de um dia sequer no mesmo lugar, na mesma cama, nos mesmos braços. Queria era conhecer o mundo e achou que, experimentando de tudo, poderia, no fim, conhecer a si mesma. Ser outra, ser todas. Sem qualquer coisa, motivo ou pessoa que pudesse impedir sua liberdade. Achou que assim poderia ser verdadeira. E ninguém sabia de nada. Menina-mulher, carteira falsa com idade adulterada. E quando começava a sentir saudades de ser filha, o pó a levava de tais pensamentos. E quando sentia saudades de ser amada, o álcool a levava de tais pensamentos. Sexo, drogas e rock n' roll. A vida é bela, um comprimido.

Foi na primeira vez que precisou de dinheiro que se lembrou do pai. Não porque sentiu arrependimento e quis voltar. Nem nunca quis pedir dinheiro. O orgulho, inclusive, nunca permitiu tal raciocínio. Lembrou porque o velho que pagou por sexo tinha o cabelo totalmente grisalho, como o do pai. A barriga gorda e branca era coberta por pelos grossos e retorcidos, como a do pai. E a voz rouca em sua nuca, incomodamente, lembrava a do pai. Como todo homem, aquele também tinha sua fantasia sexual. Perversa a dele. Fazia questão de perguntar se a “filhinha” estava gostando ou se queria mais forte. Mais tarde, com o rosto sujo de orgasmo e cocaína, percebeu que tudo o que tinha na cabeça era o rosto do pai, a voz esganiçada da mãe e o cheiro desconfortável de casa. Não piscava. O coração parecia se digerir.

Passos sem pensar. A foto-troféu nas mãos. Teve vontade de rasgar em pedaços, e o fez. Queria que assim pudesse acabar com a existência de uma família. Da sua. Mas não pôde. Nada poderia acabar com a liberdade senão ela mesma. Caiu em uma vala escura e vomitou o pouco de bile que ainda restava em suas entranhas. O cabelo verde se misturava na sujeira e escondia a tatuagem no pescoço. Um rosto novo convertido em dor e sofrimento. Chorava escandalosamente e o mundo não se importava. Estava acabando, era o fim da música. Natasha cheirou o resto da droga que tinha nos bolsos e começou a convulsionar. Ela só queria dançar, só dançar.

Ana Paula

Arthur Medeiros Thiesen

Ana Paula tinha 17 anos. Não era burra, mas também não era inteligente. Era bonita, ou melhor, bonitinha, havia controvérsias, eram claramente a idade e o jeito de ninfeta que ajudavam-na a parecer mais atraente do que era. Com certeza, a decadência feminina, que acontece depois dos 30, iria mostrar a sua real beleza, pois então ela estaria despida de toda a jovialidade. Não levava a escola a sério, rodou dois anos e agora fazia supletivo num desses colegiosinhos-diabo que tem no centro. Sua família de classe média baixa e bastante esforçada costumava brigar muito com Ana. Era inegável que seus pais eram bastante liberais. Em seu aniversário de 15 anos, ganhou uma cama de casal deles para que pudesse “dormir” com seus namoradinhos em casa. Sua fama na escola não era nada boa também. Seus colegas, no auge da puberdade e com faro fino para ninfomanias, mantinham relações de interesse, e ela, querendo ou não, caía nas conversas. Mesmo seu atual namorado (com muitos chifres) não gostava realmente dela, a não ser pelo que Ana trazia entre as pernas, pra dizer a verdade. Sua fama de promíscua, que antes a glamourizava, acabou por isolá-la.

Após uma de suas várias brigas com os pais, saiu de casa para dar uma volta. Era noite, centro da cidade, as poucas mulheres que estavam na rua àquela hora, ou eram prostitutas, ou não eram realmente mulheres. Ana andava olhando para o chão, vestia um shorts muito curto e camiseta decotada, como costumava usar sempre. Um carro que andava devagar se aproximou da calçada e passou a segui-la, acompanhando os lentos passos com que ela caminhava. Ela fingiu que não percebeu. O motorista abriu a janela do passageiro e falou com voz amigável:

- Oi, belezinha, quer dar uma volta?

Ana estava com medo, mas estava curiosa para ver o rosto do homem que queria traçá-la. Olhou. Nada mal. Carro de luxo, bem arrumado, cabelo bem penteado, e a camiseta baby-look deixava claro o corpo sarado que ele cultivava. Nada mal, mesmo, pensou ela de novo. Por que não? Já tinha transado com muitos caras menos atraentes do que ele. Sem pensar mais, ela aproximou-se do carro, abriu a porta, e foram até o motel fuleiro mais próximo. Ela estava satisfeita. O que prende a maioria das mulheres para não se prostituírem é algo basicamente moral, medo de serem taxadas, discriminadas. Isso Ana já era. Futuro ela não via, mesmo que conseguisse completar seu supletivo, não conseguiria ser mais do que uma garçonete de lanchonete. Era prostituição do mesmo jeito, não era algo sexual (ainda que Freud discorde), mas, segundo ela pensava, era mais degradante ainda, pois estaria contradizendo seus reais desejos. Tudo isso se somava ao fato de que ela realmente queria ter relações sexuais com pelo menos noventa por cento de todos os homens que via. E o dinheiro... Ela era jovem, alto nível, disposta a tudo, sem frescura (como dizem os clientes). Seria muito bem paga, sim. Idade: a carteira falsa que tinha desde os 15 anos dava um jeito.

Voltou para sua casa naquela madrugada disposta a nunca mais fazer o mesmo. Colocou tudo o que pôde dentro de sua mochila e, assim que amanheceu, estava andando pelas ruas do centro da cidade enquanto os ambulantes montavam suas barracas, os caminhões de peixe descarregavam suas caixas e os comerciantes abriam suas lojas. Ela se aproximou de um boteco mambembe e pediu um café e um pão com manteiga. Era a primeira vez que se sentia livre. Agora era por ela mesma. Natasha era seu novo nome. Sem amanhã, se é que houve um dia algum para alguém.

Pneus de carro cantam

Anna Casarin

Ana Paula planejava sua fuga há quase seis meses. Mesmo não sendo maior de idade ainda, não aguentava mais aquele inferno que era sua vida. Uma mãe drogada, um pai bêbado e um namorado violento era o suficiente para fazer qualquer um querer começar do zero.

Tudo estava pronto, a carteira falsa, a mochila com o necessário para sobreviver por alguns meses e as mentiras que contaria caso fosse pega. Ela era outra pessoa agora, alguém mais forte, capaz de tomar suas próprias decisões, deixando o vento a levar para onde tivesse que ir. Era, enfim, livre.

Não era mais Ana Paula, aquela menina conformada que tinha medo de tudo. Era Natasha. Um nome forte, que emanava segurança. Coisa que ela nunca teve.

O mundinho com o qual estava acostumada estava prestes a acabar. E ela não se importava; ao contrário, comemorava. Viveria na rua se fosse preciso, roubaria, fumaria e usaria drogas. Pintaria o cabelo, usaria uma maquiagem forte, mudaria o estilo de roupa, faria uma tatuagem. Se prostituiria se fosse preciso. Ela só queria viver, sentir, experimentar. Queria cair sozinha e, por conta própria, se levantar.

Enquanto os pais dormiam, entorpecidos pelo álcool ou outras drogas, Natasha saiu de casa pé ante pé. Não deixara bilhete nem rastro. Apenas sumiria, afinal, nunca realmente estivera lá. Ninguém se importaria mesmo, pensava. Se ela sumisse para sempre, ninguém sentiria sua falta. Então assim o faria.

Porém, o “para sempre” de Natasha não durou muito. Foi necessário uma luz forte e brilhante para tirá-la de seus devaneios. Tudo se foi tão rápido quanto viera. Sua liberdade durara de sua casa até a esquina, onde pneus de carro cantando na curva muito fechada enterraram para sempre seus sonhos.

Um Passo Sem Pensar

Bruna Ramos Pavesi

Fazia um tempo que já estava tudo planejado. Mas não contara a ninguém. Iria sumir do mapa. Deixaria seus pais para trás. Não importava. Eles não se importavam com ela. Ela não se importava com eles. Deixaria o namorado para trás. Não importava. Deixaria Ana Paula para trás. Não importava. Nunca gostara desse nome mesmo. Agora seria Natasha. Teria vinte e um. Vinte e um soava certo. A carteira falsa já estava certa. Finalmente fugiu, às sete horas da manhã no dia errado.

Para onde iria? Para onde o seu escasso dinheiro a levasse. Afinal, não tinha muita coisa em sua bolsa a não ser mentiras pra contar. As mentiras a levariam até Brasília. Aprendeu que não precisava de muito dinheiro, nem muito tempo e nem muita roupa para que aquele senhor de uns sessenta anos lhe pagasse a passagem de ônibus.

Agora, já em Brasília, para onde iria? Com o mesmo dinheiro da partida, seu mundo estava repleto de opções. Depois de alguns dias dormindo nas ruas e passando por casas, carros e motéis baratos estranhos, conheceu uns caras. Uns caras que conseguiam dinheiro fácil. Gostosinha como era, logo estaria fazendo parte da jogada. Roubava carros com eles. O dinheiro vinha realmente fácil. Como saía fácil também. Muito álcool, muito cigarro, muita balada. O mundo vai acabar, e ela só quer dançar.

Conheceu gente nova. Cansou dos caras. Fugiu. Conheceu outro cara. Já pensou em entrar pro mundo dos negócios, Natasha? Hum, interessante. Com esse corpinho, vai ganhar muito dinheiro, hein. E lá foi ela pelas ruas de Brasília, vendendo o que tinha de melhor.

Um outro dia, um outro lugar. Acabou encontrando Camila. Oi. Nenhuma resposta. Só um olhar julgando-a da cabeça aos pés. Natasha, por alguma razão, havia notado algo naquele cara travestido de mulher. Mas é claro que notou que era um cara. Como se chama? Silêncio.

Um outro dia, um outro lugar. Mas acabou voltando lá onde estava Camila. O que começou mal, logo ficaria bem. Trocaram nomes e telefones. Trocaram olhares. O que começou mal se tornaria um romance. Um improvável, bizarro romance entre uma prostituta menor de idade e uma travesti.

Faziam planos. Natasha, você não pensa em sair dessa vida? Não. Silêncio. Mudaram de lugar, mas não de vida. Um tempo se passou. Guardaram dinheiro. Mudaram de lugar. Mudaram de vida. Mais cigarros, mais álcool, comprimidos. Cabelo verde, tatuagem no pescoço, Natasha mudou de rosto, enquanto Camila parecia não mudar.

O mundo vai acabar, e ela só quer dançar. Não pensava mais em Camila. Camila notava a falta de interesse de Natasha. Mas não deixaria a garota escapar. A vida das duas se tornou um inferno. Mais e mais álcool, mais e mais cigarros, mais e mais comprimidos.

Às vezes, Natasha dizia que ia embora. Às vezes, pedia para Camila ir embora. Nada acontecia. Havia algo de insano naqueles olhos. Olhos que passavam o dia a vigiar Natasha.

Como já havia feito antes, Natasha fugiu. Fugiu com seu dinheiro, com um pouco do dinheiro de Camila e com as lembranças do silêncio das tardes que passavam

juntas. O mundo vai acabar, e ela só quer dançar, dançar, dançar. Dançando, conheceu um cara. Ficou com o cara. Foi morar com o cara.

O mundo vai acabar, e ela só quer dançar com o cara. Foram para casa. Chovia quando entraram no lugar. Primeiro Natasha, depois o cara. Fechou a porta. Deu cinco passos. A porta se abriu novamente, e lá estava a figura de Camila. Com um revólver na mão. Deu um, dois, três tiros. O cara morreu.

As coisas aconteciam com alguma explicação. Chorando e esperando amanhecer, Natasha percebeu que o ódio cega. Sentada no chão, com o cara em seus braços, olhava Camila sentada no sofá. Olhava os olhos de Camila vigiando-a. Eu não deveria ter te deixado. Você não deveria ter me deixado. Abriram a porta, entraram no carro do cara. Um passo sem pensar. Um outro dia, um outro lugar.

Sem título

Maria Paloma Gomide Merello

Ana Paula, 30 anos, preparava o café da manhã em sua grande casa de classe média enquanto assistia à televisão. Pensava em suas próximas compras enquanto via os comerciais e concordava com o noticiário da manhã, o absurdo que eram aquelas raves, jovens tatuados e acabados.

Em meio aos seus pensamentos adultos e corretos, Natasha se lembra de uma outra vida, como se não fosse a dela própria, mas era. Ter voltado para casa depois daquela suposta rebeldia foi muito humilhante, o cabelo verde, que agora era castanho, cobria a sua tatuagem no pescoço.

Naquele dia, o salto baixo que usou para ir para o escritório lembrou-a daquele salto quinze em que usava no último dia de sua libertinagem. A saia comportada de secretária infelizmente tinha a mesma cor que aquela sua saia de borracha.

No caminho para o trabalho, Ana Paula sentiu falta de garrafas e cigarros. Mas ter sido abandonada por todos os seus amigos era o motivo dela ter voltado. Não teve coragem para seguir sozinha, que raiva que sentia.

A Espera

Herlene Mattos

A mesa está posta, mas nela não há nada que desperte o interesse de Raquel, ela opta por tomar apenas um café com leite, como nas outras manhãs.

Aquele parecia o dia em que finalmente chegariam notícias de Ana Paula. Há alguns meses o carro da família foi encontrado em uma cidade não muito longe. Dentro havia vestígios do que foram os documentos de Raquel e de Ana Paula, carteiras de cigarro e garrafas vazias.

Além de roubar, Ana Paula conseguiu destruir sua família às sete horas daquela manhã torta!

Mais um dia se passou, mas aquele não fora o dia que Raquel esperava.

A companhia para o jantar foi o telejornal, o marido chegou mais tarde. Um dos destaques do programa daquela noite foi o assassinato brutal de uma prostituta chamada Natasha, encontrada estrangulada na porta de uma danceteria na capital, o motivo do crime estava ligado às dívidas com traficantes.

Naquela noite, mesmo sem notícias de Ana Paula, e mesmo sem saber ao certo o porquê, Raquel dormiu leve.

Natasha

Guilherme Pozzibon

O calor era escaldante, raios atingiam a superfície por todas as partes. Fogos. Terremoto. O fim do mundo chegara e ela assistia a todo aquele espetáculo dançando. Cada estrondo e explosão marcava o ritmo dos passos. A bailarina era Natasha, cabelo verde, tatuagem no pescoço, vestida com uma saia de borracha que salientava sua bela e provocadora bunda. Não estava nem aí para o que se passava com o mundo. Já vivera o suficiente, era experiente. Largou a família, decidiu que se sustentaria sozinha. E convenhamos, com esse corpinho, não é nada difícil. Natasha é desse tipo capaz de provocar qualquer homem só com o olhar.

A sua vida seria dançar. Tirar cada puto de um velho safado qualquer dessa maneira. Comprar um carro esportivo do ano e fazer os pneus cantarem. Adorava velocidade; quando criança, seu pai assistia à Fórmula 1 no autódromo. Achava lindas todas aquelas luzes, o ronco do motor e o cheiro de gasolina. Lembranças de uma vida que largara. Ana Paula agora é Natasha. Sem namorado para lhe encher o saco e a liberdade de roubar carros só por diversão. Até o momento em que foi pega.

Puro amorismo. Pensou que transar com um policial e depois roubar sua viatura era “irado”. Pois então, vamos a este caso.

Rua deserta. Terça de manhã. Um salto quinze e saia de borracha. O policial vê Natasha e decide revistá-la só por diversão. Não tinha um cascalho no bolso mesmo. Chegou apontando a arma. Mão na cabeça. Natasha já conhecia aquele jogo, obedeceu às ordens e encostou na parede. Afastou as pernas e deu uma leve empinada na bunda. “Esse safado quer me foder, mas isso não vai sair de graça. Vou roubar essa viatura e rir da cara desse babaca. Irado”. O policial enfiou a mão entre as pernas dela e foi subindo, acariciou os peitos e deu uma forte fungada em seu ouvido. “Cheirosa, hein?”. Mais um infeliz na vida de salário miserável, incapaz de sustentar a família ou pagar uma puta. Um policial tipicamente brasileiro. E, como todo brasileiro, louco por bunda. E aquela era maravilhosa, e ela sabia disso.

Natasha esperou ele se aproximar mais. “Por que não me leva no camburão? Sou louca por farda”. O policial ficou louco e atendeu prontamente. Pegou Natasha e a tacou para dentro do carro, justamente o que ela queria. Natasha se perguntara por que os homens eram tão babacas e trancou a porta, deixando o policial para fora. O pneu do carro cantou, assim como a pistola semiautomática do policial, às sete horas da manhã do dia errado.

Ana Paula

Luisa Naves

Uma mão descia pelas suas costas, tocando cada osso, arrepiando cada pelo. Mordia os lábios dele, como nos filmes que havia assistido naquela semana, e pegava em seu membro, duro, com a força que as atrizes o faziam. Seu corpo sentia um pequeno prazer, mas ela queria mais. Ele a beijava docemente. Tratava-a como uma garota delicada e inocente. Ainda com a calcinha, ele a acariciava. Seu corpo agia como se estivesse gostando, mas ela queria mais. Queria violência, queria humilhação. Empurrou-o no sofá e começou a beijar sua orelha ferozmente. Lentamente e da maneira mais sexual e sensual que podia, foi descendo pro pescoço; depois, beijou-o entre os mamilos. Acariciou-os. Nunca havia feito isso antes: acariciar os mamilos de um homem. Ousava. Descia. Ele, que já estava sem cueca, permanecia imóvel. Quando ela o abocanhou, ele permaneceu imóvel, a não ser por uns gemidos aqui ou ali. Sentiu-se insatisfeita. Queria que ele pegasse sua cabeça e empurrasse fundo, com força. Queria que ele a machucasse, queria ferir sua própria garganta. Usava a mão rapidamente. Cuspia, lambia, engolia fundo. Limpando o canto da boca, sentiu-se obrigada. Subiu até a sua boca e deslizou para o lado a fim de que ele ficasse por cima. Ele o fez. Foi quando ela estava começando a sentir um pouco de prazer por ser enfim dominada que ele disse o que bastou para que ela o empurrasse e se vestisse.

- Escuta, eu não tô muito afim de dormir aqui hoje, tá? Tô indo pra casa. Não tenta me ligar não que eu não vou atender. Quando eu tiver com a cabeça fria eu te ligo, ok? E para de fazer essa cara que você fica parecendo um idiota.

Em casa, jantou normalmente. Ervilhas, purê de batatas, arroz e lentilhas. Deu um beijo em sua mãe, um em seu pai e foi para o seu quarto. Chegando lá, ligou para o namorado e pediu desculpas. Disse que também o amava e que queria que tudo ficasse bem novamente. Às sete horas da manhã do dia seguinte, todavia, Ana havia partido.

Tomou o primeiro ônibus da rodoviária para a capital. Já no ônibus, buscou uma vítima. O inter-regional estava lotado de pedreiros, trabalhadores braçais e homens com mais de 50 anos. Viu-se excitada. Um dos homens se levantou e caminhou para o banheiro do fim do corredor. Ela se levantou e o seguiu. Nesse momento, já sente sua calcinha molhada. Passa a mão pelo corpo, demora um pouco nos seios, sente os mamilos pulsarem. Ele a percebe e também se percebe rígido. Os dois pulsam. Banheiro. Trinca. Ela não diz nada: apenas se ajoelha, desabotoa os botões do cinto dele. Como nos filmes, ela mantém a calça do homem. Sentia-se uma vadia. Prostituta. Suja. Gostava. Chupou-o. Engoliu. Ele a ofereceu dinheiro, mas ela apenas pegou o maço de cigarros no bolso da camisa do velho. Naquele momento, era esse o seu preço.

Tinha agora um maço de cigarros e duzentos reais nos bolsos. Havia roubado do vaso da mesa de jantar da sala. Chegando na capital, decidiu explorá-la. Andou a pé mais ou menos uns 20 quilômetros. Passou em duas lojas de departamento e mudou completamente suas vestimentas: usa agora salto quinze e saia de borracha. Pelo caminho, garrafas e cigarros. Sem amanhã, por diversão, roubava carros. Sua vida era outra. Mas ela ainda assim queria mais.

Cabelo verde, tatuagem no pescoço; um rosto novo e um corpo feito pro pecado. Nas ruas, fazia boquetes longos e duradouros sem cobrar nada. Gostava do sexo. Gostava do cheiro e de toda a sua violência. Percebeu meses depois que o que tinha com o namorado era – da parte dele pelo menos – amor. Não sexo. Sexo é violento. Já

estava há quase um ano na capital quando, com todo o dinheiro que havia juntado – e que não era muito – decidiu ir atrás do prazer puro. Afinal, era por isso que ela havia deixado tudo para trás. Por sua louca e incontrolável obsessão: o querer mais.

Certa tarde, perambulava pelas ruas da periferia, quando passou por uma construção. Viu dois homens, pedreiros. Um impulso, uma necessidade fez com que ela entrasse na construção. Os homens a perceberam, mas não disseram nada. Caminhou até a escada e abriu as pernas. Fechou os olhos e começou a se tocar. Estava sem calcinha. Gemia. Masturbava-se com vontade, mas de maneira controlada. Queria explodir de prazer. Um dos homens, que estava de macacão e completamente sujo de tinta, foi até ela. Tirou o macacão e enfiou o membro em sua boca. Puxou-a pelos cabelos e a jogou violentamente no chão. O outro homem se juntou aos dois e ordenou que ela se ajoelhasse. Estavam todos excitados. Ela chupava os dois alternadamente; vez ou outra, levava tapas na cara. Depois de muito tempo, um dos pedreiros a pegou pelos braços e sentou-se. Arrancou-lhe a saia e pediu para que ela sentasse em cima dele. Continuaram numa orgia violenta e sádica. Havia sangue, havia fricção, havia dor, havia prazer. No final, todos gozaram ao mesmo tempo. O mundo estava prestes a acabar. Havia roubado todo o seu dinheiro. Já ao anoitecer, jogaram sua carcaça na sarjeta.

Estava desmaiada. Um executivo engravatado estava passando pelas redondezas para comprar um pouco de cocaína quando a viu deitada no chão. Ajoelhou-se, deu-lhe uns tapas na cara. Ela entreabriu os olhos. Não havia claridade: estava segura na noite. Olhou-o. Desejou-o. Ele, casado, viciado e fiel, recusou. Ofereceu-lhe um tiro. Respirou, fechou os olhos. Sentia todos os orifícios de seu corpo latejarem. Havia sangue em sua saia. Direita, esquerda. Havia agora também sangue saindo de suas narinas. Estava satisfeita, estava completa. Toda a violência gratuita que buscava há tanto tempo estava ali, no vermelho vivo que escorria de seus orifícios.

Levantou-se com dificuldade. Olhou-o nos olhos. Sentia-se no controle. Tinha poder. Abraçou-o. Seus lábios se mexiam. Pegou-lhe pela mão esquerda e beijou-lhe o dedo com a aliança. Em seguida, enfiou sua mão por dentro da calça do homem e, apoiando-se em seus ombros, sussurrou em seus ouvidos:

- O mundo vai acabar e tudo o que eu quero, senhor, é dançar.

Natasha

Gabriel M. Ornellas

Ei, você não vai sair assim! Onde você arrumou esta saia? Está parecendo uma puta. Esse salto? Onde você pensa que vai? Ana Paula, vá se vestir direito, agora! Se você sair deste jeito, você não volta mais para esta casa! De fato, foram as últimas palavras ditas por sua mãe... A saia de borracha e o salto quinze era o menor dos problemas. Ana Paula, sem um amanhã, por diversão, roubava carros. Pelo caminho, apenas cigarros e garrafas... A propósito, Ana Paula, não, agora me chamo Natasha! E 17 nada, aqui está meu documento, tenho 21 anos, meu corpo não nega. Nega? Tenho apenas minha bolsa e umas mentiras para viver. É, Ana Paula deixou para trás sua cobertura, os passeios à Riviera Francesa, os pais e um dos namorados.

Não, essa não. Esta aqui, quero este anjo caído, bem aqui na virilha, e esta maçã aqui, aqui no pescoço... Isto, bem aqui! Canudos de notas de vinte, cartão de crédito, uma carreira jogada fora... Um quarto, dois quartos, um comprimido inteiro, borbulhas... Isto é o paraíso! Vela, colher, diluição... Mente feita. Uma vulgar voluptuosidade, curvas tão acentuadas como as da vida de aventuras e enfermidades, seios babados de prazer, bocas ocupadas sem desdém... Um banheiro público, de balada, algum caminhão parado, uma sombra mais acentuada, um mato não capinado, uma morte mais elevada. O mundo pode acabar, mas, pra ela, apenas mais uma dança!

Sete faces, sete vidas, sete homens, sete mulheres, mas ninguém sabe de nada. Sete noites por semana, sete prazeres, sete gramas alucinadas e sete saídas antes que alguém acorde. Ela mesmo só quer dançar... Rachas, pneus cantando e um pouco mais de perigo em uma vida bem vivida! Mais um passo sem pensar e, num outro dia, num outro lugar, ela só quer dançar.

Só mais uma, mais uma, vai, apenas mais uma... Quinze gramas... Apenas mais uma, vai! Mais uma dança! Um prazer... Acelera essa porra que nem homem! Eu vou te incentivar, abre o zíper! Deixa, deixa aqui, segura pra mim aqui, me empresta essa nota!... É, parece que o rapaz tá com pressa! Por que você não acelera apenas o carro e eu faço o resto por aqui. Vou fazer você engatar um pouquinho mais rápido... Pneus cantando, prazeres acontecendo, gozo, alta velocidade, sinal fechado, pneu cantando. O mundo pode acabar, ela só quer dançar. O mundo podia acabar, ela só queria dançar.

Natasha

Lenon Oliveira Gonçalves

Claro e escuro se alternavam na minha cabeça. Sonho horrível que tive. A escuridão tomava conta do meu ser e, como que de súbito, a luz vinha iluminar-me e tirar-me das trevas. Até eu me dar conta que a cortina balançava ao vento, que entrava pela janela entreaberta, e a luz do dia invadia o quarto de tempo em tempo. Ainda com os olhos semiabertos, olhei a hora no celular; a luz do visor cegou-me por um momento, mas consegui ver que eram quase quatro da tarde. Voltei a afundar na cama e, em poucos segundos, tentei lembrar-me da hora. Não consegui. Voltei a olhar o celular e confirmei que eram quase quatro. Já passava da hora de levantar. Estiquei-me para me espreguiçar e sentei na cama. Uma dor de cabeça horrível. Talvez aquelas bitucas de cigarro, o cinzeiro, os copos vazios e a garrafa de tequila, que estavam no chão, poderiam explicar minha ressaca. O quarto estava uma bagunça total. Eu estava apenas de calcinha, e ela nem era minha. Provavelmente fosse da Suzi. Volta e meia, eu dormia na casa dela. Ultimamente, aliás, eu estava dormindo ali todo dia. Sentada na cama, coloquei as mãos no rosto. Minha cabeça estava prestes a explodir e ainda tinha aquele pesadelo que martelava a minha mente. Era minha mãe. Será que tinha acontecido algo? Não sei se era bem por isso, mas me bateu uma vontade absurda de voltar, me reencontrar, me arrepender. Precisava ver minha família novamente.

Abri o guarda-roupas e me vesti com as primeiras peças que saltaram aos meus olhos. As roupas da Suzi serviam perfeitamente em mim. Peguei os meus pertences, rapidamente vasculhei aquela bagunça para ver se nada ficara para trás. Meus documentos estavam jogados num canto, perto da escrivaninha. Olhei minha identidade. Natasha. Cabelo verde. Já fazia um ano que não pintava meu cabelo daquela cor. Saí sem fazer alarde. A Suzi provavelmente ainda dormia. Abri a porta da sala e, antes que a luz me cegasse, coloquei os óculos escuros. Fui até o ponto de táxi mais próximo e o taxista olhou-me como se eu fosse uma prostituta. E não era? Era! Mas agora é diferente. Minha vida iria mudar novamente. Iria voltar para casa e rever meus familiares, estar próximo de minha mãe. Três anos. Três anos longe de todos. Pedi para que o homem me levasse para casa. Era longe.

No caminho, como é de costume, o taxista me encheu de perguntas. Queria puxar assunto. Eu não gostava muito de conversar e, no começo, eu respondia apenas com um enfático “sim” ou “não”. Mas, aos poucos, eu passei a dar mais e mais informações ao homem. Disse a ele que estava voltando para casa depois de três anos e que saí de lá com dezessete. Ele ficou espantado e ficou ainda mais curioso com minha história. Aí que ele perguntou mesmo. Queria saber tudo. Por que eu saí de casa. Respondi que os pais não mereciam suportar filhos adolescentes. Todos eles deveriam fazer o mesmo e voltar depois de certa idade. Ele riu pelo canto da boca. Abri-me àquele homem. Disse tudo. Todas as drogas, todas as bebidas, todas as infrações, todas as mentiras. Tudo que eu fizera até ali. Falei pra ele até o que eu gostava de fazer. Dançar. Adorava dançar. Eu me acabava nas baladas. Disse tudo ao homem e até mostrei a pimenta que eu tinha tatuado na nuca. No fim, foi um bom modo de começar o recomeço. Contando tudo para alguém. E quando o carro parou em frente de casa, o homem perguntou o meu nome. Hesitei por um instante. Pensei e respondi. Ana Paula, esse é meu nome!

Natasha

Julio Aied Passos

Não aguento mais essa família. Mal havia completado 17 anos e estava bebendo um Whisky caro que encontrara no bar de seu pai. Eram 2 horas da madrugada e lhe passou uma ideia pela cabeça. Vou cair fora. Colocou o fone, ligou o iPod no máximo e começou a ouvir um Hardcore. Pegou duas malas e começou a jogar suas coisas dentro.

Sete da manhã, como o tempo passa rápido, ainda bem que é domingo, eles não estarão acordados agora. Pegou sua carteira. Pra que identidade? Tirou o dinheiro e colocou no bolso, seu celular toca, é seu namorado. Foda-se esse maldito. Desliga e sai do quarto. No caminho, para na sala pra roubar mais umas bebidas de seu pai. Uma cachaça e um rum.

Primeira coisa que faz fora de casa é comprar um maço de cigarros. Poder fumar sem me falarem nada, isso que é vida... Preciso ir pra longe daqui. Então vê um carro, daqueles do tipo Sport conversível de playboy, chega perto e percebe que a chave está na ignição. Que imbecil. Entra, dá a partida e acelera, com um cigarro na boca e uma cachaça aberta no banco ao lado.

Foi para a cidade vizinha, onde ninguém a conhecia. Lugar novo, vida nova... Que fome. Encontra uma padaria e para o carro em frente. Mexe no bolso e encontra poucas moedas. Por que fui comprar esses cigarros, merda! Quando lhe surge uma ideia. Dá a partida e começa a dirigir novamente, chegando agora numa parte bem feia da cidade. Para o carro num beco deserto, pega umas roupas numa das malas e desce.

Quando volta, é outra mulher, vestindo minissaia de borracha e salto quinze, então começa a andar a pé pela redondeza, até um carro pará-la. Ela debruça na janela.

- Qual o seu nome?
- Ana Paula.
- É de luxo?
- O que acha?
- Entra.

Agora tinha o dinheiro para comer. O carro roubado estava ainda no mesmo local. Valeu a pena, além do pagamento, ganhei carteira falsa, agora meu nome é... Natasha.

Depois de comer, deu uma andada de carro pela cidade e encontrou um salão de beleza. Sempre quis pintar o cabelo.

Quando sai do salão, é realmente outra pessoa, com cabelo verde. Agora falta uma tattoo. Pega o carro e vai atrás de um Studio, que não é difícil de encontrar.

Enquanto espera para ser atendida pelo tatuador, ouve uma notícia na TV.

- E os cientistas afirmam que o planeta está na rota do meteoro, será o fim.

O tatuador a chama, e ela vai tranquila, como se não tivesse ouvido nada do que o jornalista disse.

Sai com uma tatuagem de uma rosa vermelha no pescoço. Ficou foda. Já está quase anoitecendo quando ela entra no carro e vai à procura de uma boate, que também não foi difícil de encontrar.

Enquanto esperava o horário pra boate abrir, se sentou num café que tinha ao lado, com várias pessoas histéricas falando coisas sobre o fim do mundo. O que posso fazer? Só quero dançar e me divertir enquanto isso acontece.

Comeu três pães de queijo e bebeu dois cafés, até a boate abrir, então seguiu até lá com o intuito de só parar de dançar quando o mundo, literalmente, acabar.

A boate estava vazia, somente algumas poucas pessoas aparentemente seguiam a mesma filosofia de Natasha, mas ela era a mais animada, não parou um segundo, nem mesmo quando um clarão entrou pela janela junto com um som ensurdecedor que, para os presentes, durou menos de um segundo.

Mudanças

Gustavo Bô

Ana Paula sempre foi uma garota meiga, inteligente e reservada. Aos domingos, ia à igreja, aos sábados, fazia trabalhos voluntários e, durante a semana, estudava e praticava esportes. Era doce, se apaixonou com quinze anos por um rapaz e, com seu sorriso e beleza, conseguiu conquistá-lo. Namorou.

Ele não era grande coisa. Era mulherengo. Bebia demais.

Aos dezesseis anos de idade, seu namorado a levava de carro para o cinema, para bares, restaurantes... E, voltando de um aniversário de uma amiga, seu namorado havia bebido demais. Passou no farol vermelho. Bateu o carro. Capotou. Ana Paula perdeu algumas memórias. Bateu a cabeça e esqueceu-se de quase tudo. Não se lembrava do que havia acontecido no acidente. Mas lembrava-se do namorado. Lembrava-se dele, mas não do acidente. Mas sabia que havia acontecido.

Depois desse dia, ela não sabia mais jogar nenhum esporte, esqueceu-se de muitas matérias, ficou em recuperação em quase todas e não se lembrava de ninguém das instituições as quais ela ajudava. Sua cabeça estava confusa, seu corpo pedia para fazer algo, mas sua cabeça não sabia o que era.

Aos dezessete anos, Ana Paula fugiu de casa. Deixou seu namorado que, pacientemente, tentava se desculpar pelo ocorrido, e deixou seus pais também. Ela não queria dar trabalho a eles. Queria viver só, não depender dos outros, nem que fosse por um pequeno tempo. Procurou emprego. Encontrou. Roubava carros, prostituiu-se e entrou no mundo das drogas. Mudou de identidade, falsificou-a. Mudou o nome. Não era mais Ana Paula, agora era Natasha.

Com o dinheiro que ganhava, ia a baladas dançar e conhecer homens. Aproveitava-se de sua sensualidade e os roubava. Numa balada dessas, encontrou seu namorado, ela não o reconheceu e nem ele a reconheceu, pois ela já estava com o cabelo tingido de verde, uma tatuagem no pescoço e com o rosto mudado, produto de várias plásticas, assim como o corpo. Ela o seduziu. Ele se deixou ser levado pelo prazer.

Naquela noite, seu “ex-namorado” havia bebido demais. Ele pagou para Natasha satisfazer seus prazeres carnavais. Saiu da balada e a levou de carro para um motel. Os pneus do carro cantaram para um destino incerto.

Natasha

Cynthia Fernandes

Ana Paula não dormiu aquela noite, sabia que dentro de instantes estaria fazendo dezessete anos e, por isso, resolveu ficar acordada na frente do espelho, mesmo sabendo que era bobagem, tinha essa ideia de ver a idade mudar. Queria observar alguma ruga aparecer, um cabelo branco aqui ou lá. Mas nada mudou. E Ana Paula ficou com tanta raiva que atirou seu sapato de salto quinze no espelho. Ela queria ser mulher num mundo que a via como uma criança. E os seus tão esperados vinte e um anos que trariam a liberdade pareciam tão longe. Ana se lembrou de quando sua mãe falou que, enquanto ela vivesse no teto dela, teria que obedecer às regras da casa. Foi então que veio a ideia. Se não vivo na casa, não tenho regras. Tão rápida como aquele pensamento, arrumou uma bolsa com algumas mudas de roupa e resolveu fugir de casa. Sem nem pensar, deixou tudo para trás. Afinal, ela nem gostava tanto assim do namorado. E um dia, quando já estivesse pronta para mostrar aos pais que já era gente grande, voltaria. Às sete da manhã, minutos antes da sua mãe acordar, Ana fechou a porta de casa e saiu. Mas ir para onde? Andou sem rumo por algumas horas, o calor era tanto que seus olhos nem mais viam para onde estavam indo. Seus pés também estavam numa espécie de piloto automático, esse que só foi desligado quando ela tropeçou num monte de garrafas que apareceu em seu caminho. Olhou para baixo e levou um susto com a poça de sangue que se formava. Malditas garrafas! O corte no seu pé era pequeno, mas suficientemente grande para doer e sangrar abundantemente. Teve que sentar por uns instantes e foi então que ouviu a frase que mudaria sua vida nas próximas semanas: “Respeitável público, o circo chegou!”. O circo! Uma nova cidade a cada semana. Dezenas de pessoas excêntricas num só lugar. Um teto. Comida em troca de trabalho. Perfeito! Era no circo que Ana iria ficar. Mas habilidades artísticas ela não tinha nenhuma, ia ter que apelar para sua beleza física. Esperou o espetáculo acabar e foi falar com a chefia, mentiu sua idade e mostrou uma velha carteira falsa que tinha. Quando perguntada sobre seu nome, respondeu sem nem pensar, era Natasha. E foi como destino, pois assim que falou seu falso nome, o chefe se abriu em um largo sorriso e falou alto: “Natasha, a russa!”. Ela seria a assistente perfeita para Djokovic, o atirador de facas. A princípio, estava com medo, mas, depois que mostraram que sua roupa de apresentações era feita de borracha, ficou mais tranquila. Faca nenhuma ia cortar aquilo. Natasha era só sorriso, nos tempos livres ficava observando as estranhices dos colegas, a preferida dela era a mulher barbuda. Tão autêntica! Pensou em deixar a sua crescer também, mas lembrou que não tinha barba. Droga. Aprendeu rapidamente sua função no espetáculo, não precisava fazer nada mais que levar as facas e ficar dançando na frente do público. Falando a verdade, era até meio tedioso. Passou um dia, dois dias, três dias, uma semana... E o tédio foi só aumentando. A vida do circo não era tão emocionante como parecia na TV. A comida, urgh, terrível! Sentia falta do arroz e feijão da mamãe. Pensando bem, sentia falta da mãe também. Natasha pensou em como ela devia estar aflita com a falta da filha. O pai, então, tadinho. Sempre querendo o melhor para a menina dos olhos dele. Seu coração começou a doer. E cada hora que passava só trazia uma dívida a mais, não sabia se era Ana ou Natasha. A gota d’água veio quando o seu chefe anunciou que ela teria uma nova função: cuidar dos elefantes. E nesse “cuidar” estava incluído limpar a bagunça que eles faziam. Ou seja, toda aquela comida que saía pelo lado de trás. Ah, isso não!

Tudo tinha limites. Em casa ela não lavava nem o próprio prato, pois sim que ia lavar as coisas dos outros. Casa. Essa palavra parecia tão bonita agora. Sentiu saudades. A vida lá não parecia tão ruim comparada à vida nova que estava levando. Aliás, parecia bem boa. E, afinal, ela descobriu que gostava mesmo do namorado. Na manhã seguinte, antes de todos acordarem, pegou suas coisas e desapareceu sem deixar rastros. Roubou o carro da mulher macaco. Uma última rebeldia antes de voltar às regras do lar. Chegando em casa, presenciou a maior reação de amor e ódio do mundo, sua mãe a abraçava chorando enquanto esbravejava os piores castigos que Ana já ouvira. Um mês sem computador. Outch. Resolveu tomar uma atitude de novo, mas dessa vez nada muito radical. Pintou os cabelos de verde e tatuou “Natasha” no pescoço.

Sem título

Lucas S. Thys

Uma voz agora frágil, quase não querendo ser notada, pedia para dar um desconto, porque não tinha dinheiro pro saco de pão todo. Talvez metade. Uma voz uma vez confiante, que falava e ria alto, como se ignorasse todas as mazelas do mundo. O padeiro olha bem pra cara da menina. Mas tu costumava frequentar a rua de cima!

- Já faz tempo – respondia tímida.

- Eu te vi andar por aí jogando moeda pra mendigo. Vinte e cinco centavos pro cara jogado da sarjeta, e achava que tinha feito bastante, sentiu-se grande com o ato de caridade. Vinte e cinco centavos para quem come macarrão direto do saco de lixo.

- Já faz tempo – voltava a responder.

- Sem desconto. Não tem por quê. Se for pra dar desconto, as coisas não seguem em frente. Nada te difere de qualquer outro. Vá pedir dinheiro pro seu pai.

O padeiro a olhava da mesma forma que fazia um dos seguranças do supermercado na semana anterior, quando foi pega roubando. Escondeu umas bolachas no furo do casacão de inverno. O mesmo olhar que tem alguém quando deixa tartarugas recém-nascidas à mercê de pássaros, enquanto elas fazem sua primeira trajetória pela água. O olhar de alguém que iria deixar aquilo tomar o curso natural.

E ela costumava se vestir bem. Vinha de família com grana. Não tanta grana assim, mas o suficiente para uma vida sem grandes preocupações. Teve uma boa educação provada, apoio total vindo de todos os lados. Era poupada de qualquer malefício da vida real. Fizeram tudo por ti, assim iludiram-te. Nunca te ensinaram a se virar. Agora, por um acidente estúpido incluindo a traseira de um carro e falta de grana pra camisinha, fora chutada do círculo social da família. A criança, no fim, nem chegou a nascer. As coisas não eram mais as mesmas, de qualquer forma. De repente, ela se viu no outro lado da moeda. Não ria mais tão alto e não gostaria que ninguém soubesse que ela estava para furtar sua próxima refeição. Já fora do conforto cego da casa de seus pais, mas ainda não pertencente à selvageria verificável do sistema. Ímpar, num problema particular. Mas enfim, são mais de quarenta e sete mil problemas particulares, todos conflitantes, confinados a buscar um prato de comida e alguma coisa pra fazer. Jogando o jogo que ninguém conta as regras. Mas ela não queria saber, e nem podia. A verdade é que a barra ali já tinha sujado, e entenda, não há nada que a segurasse ali. Nada que valesse a pena. O que compensa é apenas seguir em frente e nunca fixar-se. Tentar tirar proveito da situação de eterno estrangeiro. Fez a mala e vazou do hotel onde estava sem pagar. Pediu carona e foi pedindo até onde dava. Sempre que a noite chegava, acharia um hotel para passar a noite. Onde quer que fosse esse hotel, esta seria a próxima cidade que ela se instalaria. Chegou então a Santa Maria.

Inspirado na música “Like a Rolling Stone”, de Bob Dylan.